

IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DE TRABALHADORES DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO

PANDEMIC IMPACTS ON COLLEGE WORKERS' MENTAL HEALTH

Fernando Faleiros de Oliveira¹

Liliana Andolpho Magalhaes Guimarães²

Ariana Gomes Carvalho³

Maria Elisa de Lacerda Faria⁴

¹Departamento de Psicologia – Instituto de Ciências Humanas e Sociais-
Universidade Federal Fluminense -Volta Redonda /RJ.

²Universidade Católica Dom Bosco – Brasil

³Centro Universitário UNIGRAN Capital – Brasil

⁴Centro Universitário UNIGRAN Capital – Brasil

Resumo: A pandemia fez aumentar a prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC). O estudo objetivou caracterizar o impacto da pandemia na saúde mental de trabalhadores de um Centro Universitário, com método exploratório-descritivo, epidemiológico e transversal. A amostra foi de 177 trabalhadores destacados: docentes (57,1%) e técnicos-administrativos (42,9%); mulheres (68,1%); e, percepção de redução de renda na pandemia (26,1%). A mudança no contexto do trabalho impactou na carga

laboral, na desmotivação e na prevalência de nervosismo, preocupação, tristeza, e insatisfação na realização de tarefas. Assim, a pandemia afetou o campo de trabalho do ensino superior e faz necessária a atenção à saúde mental de tal grupo ocupacional.

Palavras-chave: Saúde Mental; Trabalhador; Centro Universitário; Pandemia.

Abstract: The pandemic has increased the prevalence of Common Mental Disorders (CMD). The study aimed to characterize the impact of the pandemic on the mental health of workers at a University Center, using an exploratory-descriptive, epidemiological and transversal method. The sample consisted of 177 seconded workers: professors (57.1%) and administrative technicians (42.9%); women (68.1%); and, perception of income reduction in the pandemic (26.1%). The change in the work context impacted the workload, demotivation and the prevalence of nervousness, worry, sadness, and dissatisfaction in performing tasks. Thus, the pandemic has affected the field of higher education work and makes it necessary to pay attention to the mental health of such an occupational group.

Keywords: Mental Health; Worker; University; Pandemic.

Resumen: La pandemia ha aumentado la prevalencia de los Trastornos Mentales Comunes (CMD). El estudio tuvo como objetivo caracterizar el impacto de la pandemia en la salud mental de los trabajadores de un Centro Universitario, utilizando un método exploratorio-descriptivo, epidemiológico y transversal. La muestra estuvo compuesta por 177 trabajadores adscritos: profesores (57,1%) y técnicos administrativos (42,9%); mujeres (68,1%); y, percepción de reducción de ingresos en la pandemia (26,1%). El cambio en el contexto laboral impactó en la carga de trabajo, la desmotivación y la prevalencia de nerviosismo, preocupación, tristeza e insatisfacción en el desempeño de las tareas. Así, la pandemia ha afectado el campo del trabajo de la educación superior y hace necesario

prestar atención a la salud mental de tal grupo ocupacional.

Palabras clave: Salud Mental; Trabajador; Universidad; Pandemia.

Introdução

A pandemia ocasionada pelo coronavírus SARS-Cov-2, denominado Covid-19, teve início em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, China. Devido sua alta capacidade de disseminação e ausência de medidas de contenção da transmissão, o vírus espalhou-se a nível mundial culminando na pandemia mundial. Na tentativa de diminuição da taxa de infectados e mortalidade, diversos países adotaram medidas de prevenção e segurança da saúde pública coletiva. As medidas de biossegurança possuíam o objetivo de conter a contaminação e complicações decorrentes desse vírus, desde sobrecarga nos serviços de saúde até alta taxa de mortalidade. Em virtude desse contexto pandêmico foram adotadas medidas de restrição social por meio do isolamento social como forma de prevenir a transmissão do vírus na sociedade, além de medidas de higienização com álcool 70%, distanciamento entre as pessoas, uso de máscaras faciais e restrição de aglomeração social.

Com isso, as medidas de isolamento social e biossegurança ocasionaram uma mudança abrupta na interação social, emergindo a necessidade de modificação nas condições de trabalho e relação social, assim também maior predominância dos meios de comunicação virtual como recurso tecnológico de adaptação diante desse contexto. No período em que a pandemia se expandiu, ocorreu aumento da prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC), especialmente fadiga e agressividade, estresse agudos, episódios de pânico, a manifestação de preditores de estresse pós-traumático (TEPT), depressão e ansiedade, não apenas nos profissionais, mas na população, de modo geral (LIU et al., 2020; RUBIN, WESSELY, 2020).

A alteração desse quadro da importância do trabalho ocorrido em função da pandemia da COVID-19, tende a implicar em uma perturbação psicossocial que pode ultrapassar a capacidade de enfrentamento da população. É esperado, nesse contexto, que estejamos frequentemente

em estado de alerta, preocupados, estressados e com sensação de falta de controle frente ao momento. Estima-se um aumento da incidência de transtornos psíquicos, de acordo com a magnitude do evento, o grau de vulnerabilidade psicossocial, o tempo e a qualidade das ações psicossociais realizadas como resposta à situação (WHO, 2020).

A chegada do coronavírus modificou a rotina da maioria dos brasileiros. Trabalhadores fazendo quarentena, *home office*, o afastamento de entes queridos para proteção e, além de tudo isso, o excesso de informações pela *internet*, tem gerado efeitos psicológicos negativos a população. Essas mudanças causam impacto na saúde mental causado pelo desdobramento da crise. Pessoas que não têm histórico de problemas de saúde mental, de repente, estão enfrentando dificuldades para dormir, se concentrar e seguir com suas vidas cotidianas normais. Aqueles com histórico de ansiedade e transtorno obsessivo compulsivo viram seus sintomas se exacerbarem com as notícias do COVID-19 (CRUZ et al, 2020).

O campo educacional foi afetado com as medidas de restrição social, pois é um ambiente caracterizado pela interação social e relação interpessoal. Tendo em vista os impactos ocasionados pela pandemia, destaca-se a importância do campo universitário como ambiente de transformação social, formação profissional, e muito mais do que a aplicação do processo de ensino-aprendizagem, nota-se a relevância do trabalhador universitário como mediador da aquisição do aporte de conhecimentos necessários para a construção social, cultural e profissional.

Infere-se na necessidade de cuidados com o corpo universitário e acadêmico nesse contexto pandêmico com o objetivo de cuidar e valorizar os profissionais da educação. Para tanto, o estudo prevê analisar duas das principais carreiras que compõe o ambiente de trabalho de uma instituição universitária: os técnicos-administrativos (trabalhadores que dão suporte às atividades-fim da universidade, e não atuam diretamente com atividades pedagógicas de sala de aula) e os docentes (trabalhadores da atividade-fim da instituição de ensino superior, vinculados às práticas pedagógicas com profissionais em formação).

Assim, a carreira técnico-administrativa contribui para o desenvolvimento dos processos administrativos e funcionamento geral da instituição de ensino, assessorando a organização, implantando programas e projetos, promovendo estudos para aperfeiçoar o ambiente laboral e assessorando atividades de ensino, pesquisa e extensão, em contato direto com usuários internos e externos ao ambiente universitário. (KNUDSON, 2009; ROMERO-DIAZ, 2016; MINARI, GUIMARÃES, 2019).

Já os professores universitários trabalham para capacitar o aluno para a sociedade, para o mercado de trabalho e para a vida, possibilitando a eles observarem de forma mais crítica o ambiente ao qual estão inseridos e à observação de iniciativas para conduzir sua vida, de modo a preparar indivíduos para o trabalho que pode significar sua sobrevivência tal qual a formação ou desenvolvimento da própria identidade. Bem como, auxiliam os alunos na busca e construção do conhecimento científico cultural e acadêmico, e a trabalhar o pensamento reflexivo daqueles com quem interage. (GASPARINI, BARRETO, ASSUNÇÃO, 2005; DALAGASPERINA; MONTEIRO, 2016).

Assim, as funções psicossociais do trabalho no ensino superior, estão relacionadas com as condições entre meio ambiente e as condições de trabalho, sendo que o trabalho enfatiza o senso de pertencimento do indivíduo, a sua organização de tempo para realizações das tarefas postas ao mesmo para executá-las, a identidade social a qual o indivíduo se enquadra ao um determinado grupo social, contudo, o trabalho se torna central na constituição de pessoas, ainda considerada a consolidada representação social das atividades ligadas ao ensino superior (PAZMIÑO et al, 2014; CARMONA e BATISTA, 2016).

Para tanto, os Transtornos Mentais Comuns – TMC é caracterizado como o conjunto de sintomas não-psicóticos, relacionados a sintomas ou quadros depressivos, ansiosos, ou de estresse (irritabilidade, fadiga, insônia, dificuldade de memória/concentração) e queixas somáticas, que se manifestam por quadros individualizados ou conjuntos (de tais sintomas). (ALMEIDA et al, 2007).

A atenção à saúde dos trabalhadores de instituições de ensino superior, e em especial à saúde mental, não deve ser apenas uma preocupação dos profissionais da dita área; essa questão deve envolver

gestores, docentes, pedagogos, assistentes sociais e deve ser difundida e valorizada pelas instituições de ensino, abrangendo o ambiente de aprendizagem como um todo, e por isso demanda investigação com rigor científico para desenvolvimento de ações posteriores.

Segundo Campos e Rodrigues Neto (2008), há um progressivo interesse pela avaliação da saúde (incluída a saúde mental) em diferentes populações, pois seus resultados podem oferecer subsídios à promoção de saúde e na definição de prioridades, no racionamento de recursos, na avaliação de políticas públicas e implantação de novas práticas de intervenção.

Frente ao contexto apresentado, com destaque às alterações abruptas causadas pelo momento de pandemia (isolamento, trabalho remoto, trabalho semipresencial, retorno gradativo, entre outros), supõe-se que tais mudanças podem causar prejuízos a saúde mental de trabalhadores universitários.

Justifica-se a importância de tal temática devido sua relevância e contexto de mudanças significativas nas instituições de ensino superior, para tanto os efeitos na saúde mental é amplo, porém, com destaque para o ambiente educacional e as mudanças na instituição de ensino superior.

Assim, a presente pesquisa objetivou caracterizar o impacto da pandemia do Covid-19 na saúde psíquica de trabalhadores de instituição educacional, especialmente as instituições de ensino superior. O interesse partiu de uma pesquisa de campo realizada junto a uma instituição de ensino superior da cidade de Campo Grande/MS que objetivou realizar a verificação de existência e prevalência de suspeição de TMC, bem como da identificação de possíveis fatores preditores entre trabalho remoto e saúde psíquica.

Método

Tratou-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, epidemiológica, de caráter diagnóstico e corte transversal, realizada em 1 (uma) única etapa, *online*, com trabalhadores de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada, da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

No período da aplicação da pesquisa, a IES atendia cerca de 3700 alunos, em 13 cursos de nível superior (entre bacharelados, licenciaturas e tecnológicos), contando para tanto com 289 trabalhadores – 119 docentes e 170 técnicos-administrativos.

Os critérios de inclusão foram: (i) trabalhador com carteira de trabalho assinada pela IES e (ii) idade igual ou superior a 18 anos; e os critérios de exclusão: (i) não ser trabalhador da IES; (ii) estar em qualquer tipo de licença ou afastamento durante o período de realização da pesquisa e, (iii) solicitar retirada da participação da pesquisa a qualquer momento.

Foram seguidas todas as exigências das Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, utilizado um Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) online, e demais características que garantiram a participação livre e voluntária da população-alvo. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética sob CAAE nº 37334520.1.0000.5159 Parecer nº 4.374.589, no dia 2 de novembro de 2020 e aplicada no mês de março de 2021.

Foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) Self Report Questionnaire (SRQ-20 – HARDING et al, 1980; IACOPONI; MARI, 1988; GONÇALVES, 2016): que tem por objetivo detectar a suspeição da prevalência de Transtornos Mentais Menores/Comuns e é composto por 20 questões dicotômicas (sim/não) que avaliam a presença de quatro diferentes grupos sintomáticos (físicos ou psicoemocionais), e tem por escore de corte para tal avaliação, a presença de sete ou mais respostas alteradas ($EC \geq 7$), e (b) o Questionário COVID-19 (QCOVID) construído especificamente para esse estudo e constituído de questões sobre dados sociodemográficos, estrutura para suporte emocional do trabalhador, adequação para trabalho remoto, comunicação e organização de retorno das atividades e demandas relativas aos riscos, vivências e impactos da pandemia sobre o trabalhador.

Os dados foram tabulados em planilhas eletrônicas e analisados nos sistemas R e R-Studio v.3.5, mediante pressupostos da estatística descritiva e inferencial (médias, desvios padrão, teste t, ANOVA, correlação, entre outros).

A partir dessa pesquisa realizada, utilizou-se produções científicas com a finalidade de contribuir a temática abordada. Portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com acesso as bases de dados da *Internet*, como *Scielo*, *Lilacs*, *Bireme*, *Google* acadêmico, sites universitários e publicações relevantes que abordassem sobre os efeitos ocasionados na saúde mental dos trabalhadores universitários. Foram selecionados artigos científicos publicados no período de 2005 a 2021 a partir dos seguintes descritores de pesquisa: "saúde mental", "pandemia", "universidade"; configurando também uma pesquisa bibliográfica, a qual se realiza a partir do registro disponível em documentos publicados, a utilização de dados ou categorias teóricas já investigadas por outros pesquisadores (SEVERINO, 2007), de modo a permitir a estruturação das discussões sobre os resultados encontrados quantitativamente e, assim, realizar inferências sobre as implicações do contexto da pandemia e das mudanças no trabalho, na saúde mental dos trabalhadores universitários.

Resultados e Discussão

De modo geral, estudos sobre impactos na saúde e qualidade de vida de quaisquer grupos de pessoas, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, ainda estão em desenvolvimento, mas apontam para repercussões negativas importantes nas questões de saúde mental geral da população (SCHMIDT et al., 2020).

Dos dados quantitativos, o questionário foi aplicado de forma censitária (N= 289) e foi obtida 61,2% de participação válida, compondo-se assim a amostra com n=177 trabalhadores participantes, que preencheram o questionário *online*, com levantamento de informações pertinentes ao contexto sociodemográfico, isolamento social e aspectos da saúde mental.

As principais características sociodemográficas (com significância estatística – $p \leq 0,05$ – em teste de uma proporção) foram: população predominantemente feminina (68,1%), pessoas casadas (47,8%), pessoas sem deficiência relatada ou documentada (97,1%), que residem com companheiro/a ou filho/a/s (77,8%), a idade média foi de 39,2 ($\pm 10,0$), e 26,1% perceberam redução de renda familiar com a pandemia. Quanto a estrutura de funções e qualificação, os participantes se distribuíram entre docentes (57,1%) e técnicos-administrativos (42,9%),

com escolaridade concentrada entre Especialistas (34,8%) e Mestres (33,3%).

Analisando inferencialmente os dados do QCOVID, a estrutura e as mudanças na rotina de trabalho durante diferentes períodos da pandemia (testes de uma proporção – $p \leq 0,05$), 87% relataram desenvolver atividades em *home office*, dos quais 32,5% apontaram não possuir rotina adequada em casa, 52,2% sentiram alguma dificuldade para realizar esse tipo de trabalho e 63,8% relataram não possuir um lugar adequado para realizar atividades em teletrabalho, ao passo que 42% ainda descreveram atuar por mais de oito horas diárias nas condições anteriormente apresentadas.

As mudanças que têm ocorrido em relação à função do professor, como a fragmentação do seu trabalho e a complexidade das demandas que lhe são impostas, coincidem com um processo histórico de rápida transformação do contexto social. Em função disso, ampliam-se as responsabilidades e exigências sobre esse profissional, de modo que ele precisa apresentar, além das competências pedagógicas, habilidades sociais e emocionais, asseveradas pelas questões da pandemia. Portanto, a saúde do professor é um tema de pesquisa que adquire crescente relevância e tem sido alvo de preocupação por parte de profissionais, gestores institucionais e entidades sindicais e governamentais (DIEHL, MARIN, 2016; ALBUQUERQUE et al, 2018).

A literatura aponta que o trabalho do professor universitário está cercado por uma série de situações estressantes e por uma sobrecarga de trabalho que ameaça sua saúde, seu bem-estar e sua qualidade de vida e que revelaram prejuízos como, problemas relacionados ao sono, abuso de medicamentos, episódios depressivos, esgotamento, entre outros. Por isso, diante da amplitude e da relevância do trabalho na vida humana, a saúde mental do trabalhador tornou-se um vasto e necessário campo de investigação. (MARQUEZE, MORENO, 2009; CORREA, ZAMBRANO, CHAPARRO, 2010; SILVÉRIO, PATRÍCIO, BORDBECK, GROSSEMAN, 2010; FERNÁNDEZ, 2014).

Corroboram essas questões, com estudos sobre a saúde mental de docentes universitários durante a pandemia, Gomes et al. (2021) ao afirmar que a classe de professores é considerada uma das que mais é

afetada por fatores laborais estressantes, destacado ainda o uso das tecnologias de comunicação virtual e a adaptação a tais meios durante a pandemia, as quais implicaram em jornada de trabalho exacerbada, autocobrança e pressão das IES para o cumprimento das atividades, impactando também a necessidade de gerenciar afazeres domésticos com os laborais, em decorrência do teletrabalho.

Assim, outras temáticas do QCOVID trataram da situação de teletrabalho e apontaram questões necessárias para avaliação quando 46,4% dos entrevistados relataram se encontrar desmotivados pelo distanciamento dos contatos profissionais ou sem a rotina tradicional, 22,6% relataram sentir dificuldades na realização desse tipo de trabalho (com igual distribuição entre docentes e técnicos-administrativos). Outras características a se destacar foram a manutenção do contato com redes socioafetiva (familiares, amigos e colegas de trabalho), para 78,3% dos participantes, mesmo durante os períodos de distanciamento social/teletrabalho, utilizando principalmente as plataformas de contato virtual *Google Meet* (93,1%) e *WhatsApp* (84,1%).

Quando se passa a trabalhar em casa, é necessário o estabelecimento de uma nova rotina com definição clara de horários de trabalho e de horários para outros afazeres, como descanso, atividades domésticas e de lazer. O *home office* permite uma flexibilidade de horário que se não for bem gerenciada pode ocasionar sobrecarga de trabalho. Um local mais reservado na casa e o estabelecimento de rotinas de trabalho tornam-se essenciais para estabelecer uma fronteira entre o trabalho e a vida pessoal. Assim como o estabelecimento de um tempo para o descanso e o desenvolvimento de atividades de lazer (BORGES, YAMAMOTO, 2014; GUIMARÃES et al, 2015; ABBAD et al, 2019).

Vale a reflexão que a reconfiguração nos processos laborais do corpo docente implicou em adaptação em relação a execução laboral e dos afazeres rotineiros no lar, pois o processo de teletrabalho ou *home office* impôs a necessidade de organização e planejamento na execução dos afazeres da rotina laboral e doméstica (GOMES et al., 2021).

O distanciamento social, o isolamento social e a quarentena são movimentos que levam a separação ou a evitar o contato entre as pessoas visando redução ou prevenção do contágio de determinada

doença. Os termos são frequentemente usados de forma intercambiável, especialmente na comunicação com o público por se tratar de experiências desagradáveis para aqueles que passam por isso (RUBIN, WESSELY, 2020).

Minari e Guimarães (2019) apontam que é fundamental entender a dinâmica entre os processos de trabalho e a saúde do trabalhador com a intenção de promover a adaptação aos problemas externos e internos, para subsidiar a construção de políticas e intervenções organizacionais que contribuam efetivamente para a promoção de saúde mental no ambiente laboral. Destaca-se a importância de maior valorização da satisfação dos trabalhadores para que todos os atores envolvidos no ambiente universitário, entre eles a gestão responsável pelos trabalhadores, promovam relações interpessoais positivas, valorizem suportes organizacionais adequados, de colegas e superiores, além de reconhecimento pessoal e profissional. Essas ações têm como objetivo oportunizar maiores percepções de humanização do local de trabalho e, por consequência, maior saúde do trabalhador e da organização. Também é importante manter e fortalecer valores organizacionais permeados pela ética profissional, bem como práticas organizacionais de eficiência e dedicação ao trabalho.

Quanto aos resultados do SRQ-20, conforme destaques expressos na Tabela 1 e considerando a nota de corte (≥ 7), os principais resultados apontaram para aspectos de três dos quatro quadros sintomáticos avaliados pelo instrumento: humor depressivo ansioso (nervosismo, tensão ou preocupação; sentimento de tristeza), sintomas somáticos (dores de cabeça e problemas com o sono) e decréscimo de energia vital (cansaço e satisfação na realização de tarefas). Não foram relatados resultados destacados ou estatisticamente significativos para “pensamentos depressivos” em seus itens e características do respectivo quadro sintomático. No entanto, 41,8% dos participantes apresentaram escore superior ao ponto de corte, para indicativo de suspeição de transtornos mentais comuns.

Tabela 1: Resultados do SRQ-20 por quadro sintomático e resultado geral

<i>Humor Depressivo-Ansioso</i>		
Sente-se nervoso, tenso ou preocupado?	59,4	<0,0001
Sente-se triste ultimamente?	48,0	0,002
<i>Sintomas Somáticos</i>		
Tem dores de cabeça frequentemente?	47,7	0,0048
Você dorme mal?	62,3	0,0048
<i>Decréscimo de Energia Vital</i>		
Você se cansa com facilidade?	65,6	<0,0001
Tem dificuldades de ter satisfação em suas tarefas?	42,3	<0,0001
<i>Suspeição Geral de TMC</i>		
Escore Geral	41,8	<0,0001

Fonte: resultados da pesquisa

Nota: Corte ≥ 7 pontos (por item de cada quadro sintomático ou resultado geral)

Não foram estabelecidas diferenças estatisticamente significativas ou correlações entre dados sociodemográficos (idade, sexo, escolaridade, raça/cor, renda, função/carreira) e quadros sintomáticos. No entanto, se consolidou correlação entre reação física por sobrecarga emocional ou sobrecarga psicológica (QCOVID) com humor depressivo-ansioso (SRQ-20) e não possuir local adequado para trabalho remoto (QCOVID) com dificuldade na satisfação com as tarefas (SRQ-20), respectivamente $r=0,69$ e $r=0,321$. Esses resultados podem convalidar os tópicos e demonstrar possíveis caminhos para o direcionamento das ações de combate aos sintomas e fortalecimento da saúde mental do grupo pesquisado.

Anteriores ao período pandêmico, foram verificados os estudos de: (i) Mark e Smith (2012) com trabalhadores universitários britânicos já apontava para essa classe sofre de mais ansiedade e depressão do que a população geral. As condições do local de trabalho haviam causado ou agravado uma doença, o que sugere a possibilidade de que os resultados de saúde mental relacionados ao trabalho possam ocorrer ser devido à

exposição diferenciada a estressores decorrentes das condições laborais; e, (ii) Alarcon e Guimarães (2018) que realizaram uma pesquisa de campo junto aos trabalhadores universitários com o objetivo de identificar a prevalência de transtornos mentais em uma instituição de ensino superior pública. A prevalência de transtornos mentais comuns foi 18,4% da amostra com sintomas negativos que vulnerabilizaram a saúde mental do trabalhador universitário, principalmente aqueles com relatos anteriores de problemas de saúde decorrente do ambiente de trabalho.

Quanto a estudos realizados já durante a pandemia, destacaram-se principalmente pela similaridade de itens e quadros sintomáticos prevalentes, os estudos realizados por: (i) Ribeiro et al. (2021) com 586 indivíduos da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, no qual identificaram como sentimentos mais presentes, decorrentes da pandemia – impotência (93,5%), angústia (90,8%), medo de perder familiares, amigos ou conhecidos (90,1%), irritabilidade (85,3%) e tristeza (89,9%); e, (ii) Pinho et al. (2021) com a participação de 1.444 docentes do estado da Bahia, para os quais prevaleceram – crises de ansiedade (53,7%), mau humor (78,0%), transtornos mentais comuns (69,0%) e qualidade do sono ruim (84,6%).

Observou-se então que na comunidade acadêmica a pandemia vulnerabilizou a saúde mental de seus integrantes, devido a exposição ao estresse, insegurança, medo, perdas, alterações nas formas de contato social e realização do trabalho. Assim, a pandemia trouxe impactos para as pessoas, os grupos e a estrutura organizacional como um todo, as quais precisam, a partir de então, buscar maneiras para se reinventar e manter a missão social das atividades do ensino superior com suporte de um ambiente saudável de trabalho (MARK, SMITH, 2012; ALARCON, GUIMARÃES, 2018; PINHO et al., 2021; RIBEIRO et al., 2021).

Importante apontar devido a pandemia perdurar por longo prazo, desde o segundo semestre do ano de 2020 (três a quatro meses após o início da questão pública de saúde), a IES passou a oferecer aos seus trabalhadores, iniciativas de atenção à saúde mental, por meio do Serviço-Escola do curso de Psicologia (ainda que sem resultado estatisticamente significativo, saber da existência dessas ações também foi uma questão investigada no QCOVID). Após a análise dos dados foi realizada a devolutiva para a IES, e os resultados deram suporte à revisão

e reorganização da atenção à saúde mental dos trabalhadores, incluída a inserção dessa prática em um Programa Geral de Saúde da instituição.

Assim, frente ao quadro descrito se notou a importância de delinear e propor de forma estruturada ações e estratégias de cuidado para a saúde mental desses trabalhadores, considerando a exposição a tais fatores que podem ocasionar o adoecimento psíquico. Além do atendimento psicológico, Fernandes, Marinho e Schmidt (2022) apontam a importância do desenvolvimento de relações de trabalho saudáveis no ambiente organizacional para a construção de proteção psicossocial aos profissionais de educação, articulando essa questão com demais condições de trabalho, em prol de ações que garantam boa saúde mental aos trabalhadores.

É inegável que o contexto econômico, político, social, cultural e histórico afeta ao campo educacional, especialmente a lógica mercantil da produção humana, o que aumenta a vulnerabilidade dos trabalhadores universitários, considerada principalmente a velocidade e constância das alterações de forma e conteúdo do trabalho ao longo do período pandêmico, e agora com o retorno à presencialidade e entrada em uma possível fase pós-pandemia.

Por essa necessidade de atingir resultados e produtividade em curto espaço de tempo para adaptação, se faz necessária uma atenção ainda maior a saúde mental de tal grupo ocupacional e a busca por ações que forneçam subsídios de bem-estar físico, emocional, social e oferecendo o suporte psicológico necessário para ampliar a qualidade de vida e demais questões para um ambiente saudável de trabalho.

Considerações Finais

A pandemia ocasionada pelo novo vírus usualmente denominado COVID-19 trouxe impactos a toda sociedade mundial atingindo os campos: social, econômico, político, psicológico, saúde coletiva. As mudanças foram abruptas com o objetivo de preservação da vida por meio de estratégias de isolamento social, higienização, cuidados com a saúde em geral.

A partir desse contexto pandêmico, as instituições de ensino tiveram que se adaptar diante das medidas de restrição de contato social,

utilizando os mecanismos e ferramentas tecnológicas como a comunicação e a concretização do processo de ensino-aprendizagem em meio remoto, as quais, no entanto, geraram mudanças repentinas que vulnerabilizaram o corpo docente, administrativo-pedagógico e discente.

As mudanças que têm ocorrido em relação à fragmentação do trabalho e a complexidade das demandas impostas, as quais coincidem com um processo histórico de rápida transformação do contexto social. Em função disso, ampliam-se as responsabilidades e exigências sobre tais profissionais, de modo que precisam apresentar, além das competências técnicas, habilidades sociais e emocionais que foram asseveradas pelas questões da pandemia, para além do estresse rotineiro da atividade profissional no campo do ensino superior.

Frente a isso, o presente trabalho objetivou caracterizar o impacto da pandemia do Covid-19 na saúde psíquica de trabalhadores de instituição educacional de ensino superior, de modo a que o contexto de isolamento social, transformações nas relações de trabalho, implementação do teletrabalho, entre outros, foram fatores indicativos que direcionaram para a prevalência de adoecimento psíquico desse corpo de trabalhadores.

O ambiente educacional passou por mudanças significativas, tendo maior utilização do teletrabalho como ferramenta e recurso pedagógico e administrativo, somado ao impacto da restrição das relações sociais que impactaram o campo emocional e psicológico dos trabalhadores, que sofreu impactos devido a tal contexto em que está inserido.

Indicadores de todos os quadros sintomáticos, como nervosismo, tensão, preocupação, tristeza, dor de cabeça frequente, problemas com o sono, cansaço e pouca satisfação na realização de tarefas, apareceram como indicadores mais prevalentes, corroborando estudos realizados antes e durante a pandemia com grupo ocupacional idêntico ou similar.

Tais situações reiteram os desafios da atuação no campo da educação superior quanto a organização e conteúdo do trabalho, produtividade, intensificação e flexibilização da jornada (principalmente devido ao trabalho remoto/teletrabalho, bem como do retorno à presencialidade) e as conseqüentes sobrecargas, que afetam a saúde mental desses trabalhadores.

Mesmo frente a tais achados é importante apontar as limitações do estudo, como a amostra por conveniência, o recorte transversal e a mudança constante das formas de trabalho em decorrência da pandemia. Comparando a resultados de pesquisas similares, o presente estudo, por exemplo, não encontrou correlação significativa com questões de gênero, idade, raça/cor, renda ou diferença de atividade (docente/técnico-administrativo).

Continuar buscando novas perguntas motrizes para futuras pesquisas, tal qual, criar, realizar e avaliar programas de saúde para essa população-alvo são passos importantes para a consolidação científica da caracterização da realidade laboral no ensino superior.

E para evitar que tais alterações ultrapassem a capacidade de enfrentamento dos estressores pela população afetada, destaca-se a importância de maior valorização da satisfação dos trabalhadores para que todos os atores envolvidos no ambiente universitário, entre eles a gestão responsável pelos trabalhadores, promovam relações interpessoais saudáveis, valorizem suportes organizacionais adequados, de colegas e superiores, e outras ações que tenham como objetivo oportunizar maiores percepções de humanização do local de trabalho e, por consequência, maior saúde do trabalhador e da organização.

Referências

ABBAD, G. S.; LEGENTIL, J.; DAMASCENA, M.; MIRANDA, L.; FEITAL, C.; NEIVA, E. R. Percepções de teletrabalhadores e trabalhadores presenciais sobre desenho do trabalho. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, 2019, 19(4), 772-780.

ALARCON, A. C. R. S.; GUIMARÃES, L. A. M. Prevalência de transtornos mentais em trabalhadores de uma universidade pública do Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. **Rev. Sul-americana de Psic.**, v. 4, n. 1, p. 46-68, 2018. <http://ediciones.ucsh.cl/ojs/index.php/RSAP/article/view/1775>

ALBUQUERQUE, G. S. C. et al. Exploração e Sofrimento Mental de Professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v.16, n.3, Dec. 2018. p.1287-1300. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462018000301287&lng=en&nrm=iso

OLIVEIRA, F.F.; GUIMARÃES, L.A.M.; CARVALHO, A.G.; FARIA, M.E.L. *Impactos da pandemia na saúde mental de trabalhadores de um centro universitário*. R. Laborativa, v. 12, n. 1, p. 60-78, abr./2023. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

ALMEIDA, A. M. et al. Common mental disorders among medical students. **J. Bras. Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, 2007, 56(4), 245-251. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000400002>

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CAMPOS, M. O.; RODRIGUES NETO, J. F. Qualidade de vida: um instrumento para promoção de saúde. **Revista Baiana de saúde pública**, v. 32, n. 2, p. 232-232, 2008.

CARMONA, D. R. S.; BATISTA, C. B. Cenários de aprendizagem e noções de saúde: a percepção dos estudantes de Psicologia sobre sua formação. **Psicologia em Revista**, 22(1), 46-68, 2016. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n1/v22n1a05.pdf>

CORREA, Z. C., ZAMBRANO, I. M., CHAPARRO, A. F. Síndrome de Burnout em docentes de universidades de Popayán, Colômbia. **Revista de Salud Pública**, 12(4), 589-598, 2010.

CRUZ, R. M. et al., COVID-19: emergência e impactos na saúde e no trabalho. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, 20(2), I-III, jun.2020. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v20n2/v20n2a01.pdf>

DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J. K. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 16(1): 37-51, abril, 2016. <https://doi.org/10.5020/23590777.16.1.37-51>

DIEHL, L.; MARIN, A. H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, 7(2), 64-85, dez2016. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005&lng=pt&nrm=iso

FERNANDES, A. P. A.; MARINHO, P. R. R.; SCHMIDT, M. L. G. Saúde mental dos professores de ensino superior: uma revisão da literatura. **Revista Cocar**, 16(34), 2022, 1-24. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4998>

FERNÁNDEZ, F. A. Una panorámica de la salud mental de los profesores. **Revista Ibero-americana de Educación**, 66, 19-30, 2014. <https://doi.org/10.35362/rie660375>

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNCAO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702200500020000>

OLIVEIRA, F. F.; GUIMARÃES, L. A. M.; CARVALHO, A. G.; FARIA, M. E. L. *Impactos da pandemia na saúde mental de trabalhadores de um centro universitário*. R. Laborativa, v. 12, n. 1, p. 60-78, abr./2023. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

GOMES, N. P. et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de covid-19. **Saúde Soc.**, v. 30, p. e200605, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200605>

GONÇALVES, D. M. Self-reporting questionnaire (SRQ). In: GORENSTEIN, WANG, HUNGERBÜHLER (Ed), **Instrumentos de avaliação em saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

GUIMARÃES, L. A. M et al. Saúde Mental do Trabalhador e Contemporaneidade. In: GUIMARÃES, CAMARGO, SILVA. **Temas e Pesquisas em Saúde Mental e Trabalho**. 15-39. Curitiba: CRV, 2015.

HARDING, T. W. et al. Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four development countries. **Psychological Medicine**, 10, 231-241, 1980.

IACOPONI, E.; MARI, J. J. Reliability and factor structure of the Portuguese version of Self-Reporting Questionnaire. **Int J Soc Psychiatry** 1989; 35:213-22.

KNUDSON, E. M. La Universidad: ¿Un escenario para transformar la conciencia Social de los profesionales? **Repert. med. Cir**, 2009, 18(1), 29-35.

LIU, S. et al. Online mental health services in China during the COVID-19 outbreak. **The Lancet Psychiatry**. 2020. V. 7, I. 4, E17-18. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30077-8](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30077-8)

MARK, G., SMITH, A. P. Effects of occupational stress, job characteristics, coping, and attributional style on the mental health and job satisfaction of University employees. **Anxiety, Stress & Coping**, 25:1, 63-78, 2012.

MARQUEZE, E. C.; MORENO, R. C. Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. **Psicologia em Estudo**, 14(1), 1413-7372, 2009.

MINARI, M. R. T.; GUIMARÃES, L. A. M. Impacto da cultura organizacional no desequilíbrio entre esforço-recompensa no trabalho em uma universidade pública federal. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, 2019, 19 (2), 616-623. <https://doi.org/10.17652/rpot/2019.2.15580>

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. **Braz. J. Psychiatry**, São Paulo, 2020. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>

PAZMIÑO, M. A. G., BALTAZAR, R. G., RODRÍGUEZ, M. G. A., FERNÁNDEZ, M. A., CORTÉS, S. G. L. Relación entre Calidad de Vida en el Trabajo y Síntomas de Estrés en el Personal Administrativo Universitario.

Ciencia & Trabajo, 2014, 16(50), 97-102.
<https://doi.org/10.4067/S0718-24492014000200007>

PINHO, P. S. et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trab., Educ. Saúde**, v. 19, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00325>

RIBEIRO, L. S. et al. Efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de uma comunidade acadêmica. **Acta Paul Enferm**, v. 34, 2021. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO03423>

ROMERO-DIAZ, C. H. et al. Factores de riesgos psicosociales extralaborales en personal administrativo universitario. **Enfermería Actual de Costa Rica**, San José, n. 31, p. 1-15, Dec. 2016.

RUBIN, G. J.; WESSELY, S. The psychological effects of quarantining a city. **BMJ** 2020; 368: m313.
<https://www.bmj.com/content/368/bmj.m313.full.pdf>

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L., DEMENECH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 2020, 37. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVÉRIO, M. R., PATRÍCIO, Z. M., BORDBECK, I. M., GROSSEMAN, S. O Ensino na área da saúde e sua repercussão na qualidade de vida docente. **Rev. Bras. Educ. Méd.**, 34(1), 65-73, 2010.
<https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000100008>

WHO. **Mental health and psychosocial considerations during COVID-19 outbreak**. Mar 2020.

XIANG, Y. T. et al. Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. **Lancet Psychiatry**. 2020; 7:228-9. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30046-8](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30046-8)

Artigo apresentado em: 27/06/2022

Versão final apresentada em: 14/02/2023

Aprovado em: 28/02/2023